
DECURSOS E TRAJETOS DO APRENDER: Currículos vagantes

Rosana Aparecida Fernandes

*Obladi, oblada
Life goes on, bra
La la how the life goes on
Obladi, oblada
Life goes on, bra
La la how the life goes on*

Ob-La-Di, Ob-La-Da, The Beatles.

Uma criança qualquer de Teerã caminha pelas ruas de seu povoado, carregando consigo o pão destinado à refeição de sua família¹. Uma lata vazia, amassada, e sem muitos atrativos, é objeto de entretenimento nesse trajeto. A criança chuta a lata e elabora, a cada chute, o jogo das possibilidades e das pequenas conexões. Uma divertida canção dos *Beatles*² a acompanha, e, sob o *acorde* do acaso, acordos rítmicos e não rítmicos vão estabelecendo uma sinfonia labiríntica através de ruas cada vez mais labirínticas. E, na tela, o que se vê são pés crianceiros que não só permeiam a rua como também jogam com ela, nela, e por ela, pés que inventam vida na lata, fazem o chão vibrar, e vibram junto.

O rastro é o rastro de um jogo.

Todo satisfeito com a brincadeira, o garoto segue, beco após beco, levando a lata no pé e o pão na mão. Até que, inopinado, um cachorro se impõe no meio do caminho, late, avança, impede a passagem... O inesperado insurge no caminho, e o trajeto que era familiar torna-se estranho. O garoto inaugura o passo da interrupção, demora-se, titubeia, volta sobre si mesmo, difere o já aprendido. Uma demanda que, até então, se mantinha corriqueira transforma-se em um problema: comprar um bocado de pão e voltar para casa surge como oportunidade de aprendizado.

A ação é interrompida. Uma pausa se instala, dura, e se abre à urgência de uma saída, de um incidente qualquer que libere o trecho bloqueado. Trata-se de uma pausa agrimensora que se detém no que se passa, a fim de mapear o terreno, compor e habitar, silenciosamente, intuitivamente. A pausa é germe do porvir, sem ela não existem as discontinuidades que proporcionam o aprendizado. É por ela que o aprender rompe com esquemas sensório-motores instituídos e

¹ Referência ao primeiro filme curta-metragem de Abbas Kiarostami (cf. O PÃO e o beco. Direção: Abbas Kiarostami. Irã, 1970.).

² Lennon-McCartney. OB-LA-DI, OB-LA-DA. In: *Álbum Branco*. The Beatles. Apple, 1969.

acumulados, que regulam a ação-resposta; bem como destitui a autoridade de um Eu que sempre tem algo para desenvolver, reproduzir, representar. A pausa é *processus* do aprender, desde que o aprender não se diz de saberes fundados, onde se tramam *procederes* teleológicos, não se ajusta com o progresso, a utilidade, ou com uma boa vontade. Tem a ver, sim, com um *processus* interminável, como *O processo* kafkiano³, que não segue a Lei, mas um desejo móvel que se alastra, se conecta, cria.

O exercício do aprender não admite prognósticos, ou estimativas. E as questões, relacionadas a ele, desdobram-se em problemas, e perseguem uma pergunta vital que perdura através de todas as respostas, em um gesto de atenção ao novo, às multiplicidades, e às modificações que perturbam o já aprendido. Os problemas inexistem antes de se inscreverem no mundo, e os aprendizados, impulsionados por eles, também inexistem, e, portanto, não podem, simplesmente, ser acionados, ou descobertos, como se já estivessem postos no mundo, somente aguardando um exercício de reconhecimento. É assim que a rua é a mesma, mas o plano aberto diante do menino não é o mesmo. Portanto, a cartografia demandada não está concebida, sobretudo porque cartografias são, efetivamente, moveções, produtivas, não findam, nem se encerram em um produto. A retroatividade que percute naquele que sente, e no sentido, multiplica, interminavelmente, o corpo, as sensações, e o arredor. Cada movimento do garoto examina toda rua, retorna sobre si mesmo, e retorna à rua. É nesse sentido que a rua subsiste através do garoto, percorre-o, desafia-o, joga com ele, nele, e por ele. O garoto é atingido por uma questão que persiste, dura, e provoca um combate intensivo, mas também extensivo: o que fazer para ultrapassar o cachorro, como seguir adiante, que movimento articular? E é aí que o caminho se fende, se abre, e devém outro, duplicando-se, e duplicando o que por ele passa.

O passo do jogo desencadeia um itinerário de encontros, e tensionamentos. O latido transpassa o campo perceptivo, e emite uma força sonora desterritorializante, e inapreensível desde o aspecto da reconhecimento. Instaure-se, entre o garoto e o animal, uma relação dinâmica material-forças, e o ser *do* sensível, o *sentiendum*, se faz sentir. Uma espécie de molecularização da percepção faz variar a percepção do garoto, e o conduz a uma micropercepção sonora e visual. A sensibilidade flui, e ele é impelido a captar afectos insondáveis na rua que lhe parecia plena e definida.

Se avançar não é factível, o contrário também não é. Seja por uma impossibilidade de conduzir-se como antigamente, seja por uma copossibilidade que se abre a partir da hesitação e se

³ KAFKA, Franz. *O processo*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

faz indecível. De todo modo, faz-se indispensável encontrar uma saída. O pão, destinado à refeição da família, deve estar em casa na hora da refeição. Se antes as ruas de Teerã faziam alusão a um labirinto, de agora em diante fazem mais ainda. Não só pela arquitetura, mas, sobretudo, por lançarem uma problematização, tornando difícil o trânsito que se configurava tranquilo demais. O garoto não reconhece o caminho de casa, e é forçado a pensar, a fim de aprender outra maneira de efetuar o trajeto desejado. O corriqueiro do mundo não é mais corriqueiro. A certeza acerca do passo a ser dado é afrontada. O bocejo do garoto é a expressão máxima da impotência de reagir, de continuar, de responder ao imprevisto com o já aprendido.

Era certo que se sabia ir do *pão* a casa. Mas, agora, era a incerteza. O caminho, tantas vezes transitado, exige, por ora, gestos, atitudes e posturas desconhecidas. O lugar deixa de ser um lugar-comum. A (de)liberação do itinerário retarda-se, retardando, também, o pé, e o caminhar. A suspensão pospõe o próximo rastro, traço ou ato do garoto, mostrando-se indiferente ao desenlace da situação, e, nitidamente, disposta a demoras. O garoto se oferece à escuta. O caminho se oferece à escuta. A circunstância solicita silêncio naquilo que é sabido, para que o aprender abra-se ao incomensurável do caminho. O silêncio passa a ser o exercício do olhar. O hiato, ao invés de reter o aprender, é condição para que ele aconteça. À lentidão aparente do corpo subjaz uma velocidade louca, insólita, que vai da mais lenta velocidade à mais vertiginosa, cruzando velocidades que superam os limiares normais de percepção. A aparição do cachorro convoca não um avanço, mas um retrocesso, não solicita passos à frente, impele o garoto a dar um passo para trás, e mais um, e ainda outro. A resposta não é instantânea, a excitação recebida freia a ação, de maneira que o passo seguinte falha, e abre passagem para que um passo inédito atreva-se. A ausência de uma solução imediata recorda a ambiguidade que é própria do caminhar, mesmo quando expõe trânsitos crédulos da justeza e da veracidade.

Medo, insegurança, e um devir molecular, em uma aventura cósmica, alteram o garoto. O inaudível insinua-se, e o imperceptível, que paira sobre o percurso costumeiro, mostra-se como tal: com volteios, retrocessos, graus de velocidades e de lentidão, movimentos e sons. O bulício canino e as qualidades visuais, tácteis e sonoras, que se instalam no *spatium*, exprimem algo que só pode ser sentido. Porém, não através do exercício empírico, pois este só apreende matérias-formas já sentidas, vistas, memoradas, ou pensadas. Uma visibilidade transcendental desorganiza o universo percebido, e cruza um universo cósmico e ilimitado. Inusitadas potências de vida varam todo o corpo do garoto, liberando o corpo do vivido empírico e do mundo retido. Ao invés de uma surdez, passa-se a uma aguçada audição. Os passos, anteriormente aprendidos, estremecem, cruzam uma série de abalos e provocações, são contestados. A presença do cachorro inviabiliza que a

percepção se reitere nos movimentos de rotina, e solicita um reconhecimento atento, não um reconhecimento habitual, automático. Um aprendizado que invente enunciados novos, e multiplique desejos, não é feito de bem-estar, de sucesso, ou de prolongamentos bem-sucedidos. Quando o reconhecimento habitual fracassa, algum nervo sensível é afectado e a sensibilidade volta a sentir, instiga a memória e o pensamento.

Uma cegueira, do ponto de vista do exercício empírico — o qual só faz ver qualquer coisa já vista —, nada mais é do que uma vidência pelo exercício transcendente. É via exercício transcendente que cada faculdade excede o seu limite e, em favor de um aprendizado porvir, isenta seus respectivos objetos de decalques empíricos. Frente à força de problematização que vai de uma faculdade a outra, os corpos experimentam e aprendem as intensidades e as alianças de que são capazes. A sensibilidade, ao sentir o insensível, recorre à memória atrás de imagens-lembranças que possam auxiliar no desfecho da dificuldade que se colocou no caminho. A memória, por sua vez, é levada a agir sobre o ser *do* passado, o *memorandum* — a forma pura do tempo, povoada por esquecimentos, lembranças puras —, para elaborar uma síntese de tudo que decorre no tempo, e remontar ao virtual. A seguir, a memória insere o tempo no pensamento e libera-o de pensar o que ele pensa, desafia-o a pensar o ser *do* inteligível, o *cogitandum*, o impensável, para que novos pensamentos sejam criados. Um pensamento não surge naturalmente, não provém de uma boa vontade ou de um estímulo voluntário; é, sim, criado mediante uma agressão que exige que o pensamento pense.

O corpo pesa. Silencia. Hesita. O garoto coloca-se à espreita do acaso, vigilante, e sensível aos indicativos de uma intuição. O que há, de momento, é, unicamente, uma intuição imediata. E somente a intuição, inerente ao *Acontecimento*, pode orientar o garoto, pois ela lida com o impulso criativo da vida e com o tempo que dura ininterruptamente. A inteligência intervém posteriormente, na investigação da solução do problema, pois não sabe lidar com o conhecimento imediato, a não ser quando ele apresenta dados reconhecíveis, ou oferece informações análogas a alguma instrução precedente. A intuição, por sua vez, quando apurada, compõe um método apto a conduzir ao absoluto da experiência, e à duração. Por ela, interage-se com sensações vivas, é possível aproximar-se dos signos emitidos, e instalar-se em um campo problemático cheio de forças estrangeiras, jamais notadas e, portanto, não localizáveis na memória, ou no campo de ação da inteligência. A intuição é um método que está voltado, de uma só vez, a duas investigações: *teoria*

*do conhecimento e teoria da vida.*⁴ Entretanto, trata-se de um método que tem menos a ver com a vida vivida do que com o *Acontecimento* que dela se desprende.

Se a rua exhibe signos que precisam ser decifrados, é através do exercício da intuição que o garoto se avizinha desses signos e se põe sensível a eles. Mais precisamente, o garoto, em um movimento vital, mapeia as forças, os perceptos, e os afectos que inspiram nele novos jeitos de ver, e de perceber; e distingue os agenciamentos que podem levá-lo ao mais alto grau de potência. A mão coça a cabeça, esfrega os olhos, limpa o nariz, e o menino pondera todas as direções, experimenta um devir sensível. O contratempo que é, por natureza, casual, passa a ser também imperativo, por situar o garoto diante de um limite impensável, e, não obstante, irremediável.

O cachorro ladra uma, duas, três vezes. A criança recua, deixa-se ficar. Vê passar um pastor montado em um burro. Em seguida, um ciclista. Ambos passam rápido demais. Cuidadoso, o garoto olha para trás, e aguarda uma ocasião para seguir adiante. Um pouco indeciso, resolve acompanhar um velho surdo que aparece em seu caminho, que, mesmo sem saber, lhe serve de força motora. Todavia, o velho dobra a primeira esquina à esquerda, alguns passos antes de transporem o cachorro. Sem poder deter-se mais, o garoto não encontra outra solução, a não ser perfazer sozinho o caminho até sua casa. Ainda temeroso, segue desviando-se, o quanto pode, do cachorro. À justa distância, joga-lhe um pedaço de pão. Não demora muito e o cachorro deixa de latir, desembravece, e cuida de acompanhar o garoto até a sua casa. Talvez na expectativa de ganhar outro pedaço de pão. Como saber? Não importa. O fato é que o cachorro perfaz, junto com o garoto, o trajeto de sua morada, tensionando, a cada vez, o passo da distância, o passo que beira o outro, ladeia o outro e quase, somente quase, e sempre quase, se imiscui.

Uma vez feito esse trajeto cheio de enervamentos, e de aprendizados, o garoto chega à sua casa, toca a campainha, uma mulher abre a porta, e ele entra. O cachorro deita em frente à porta. Mas não por muito tempo... Logo o cachorro vê um outro garoto, entrevê uma tigela, e, sem pestanejar, se impõe no meio do caminho, late, avança, impede a passagem... Convocando o eterno retorno de uma estrada que nunca é a mesma, de um garoto que nunca é o mesmo, de um aprendizado que nunca é o mesmo.

A rua dá o que a casa muitas vezes nem avista. “Que quer dizer sair? Que implica esse verbo, mediante o que indica a ação de abrir uma porta e passar do interior ao exterior, ganhar a rua, deixar atrás a casa?”⁵ A rua, mais do que a casa, é cortada pelo extemporâneo, pelas multiplicidades, pelas tribos que perambulam por ela. Quando Spinoza incita — “Nós nem sequer

⁴ BERGSON, Henri. *A intuição filosófica*. Lisboa: Edições Colibri, 1994.

⁵ DELGADO, Manuel. *Sociedades movedizas: pasos hacia una antropología de las calles*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2007, p. 242.

sabemos de que é capaz um corpo”,⁶ ele está, também, dizendo que é a cada encontro que um corpo aprende suas velocidades e intensidades, individua-se, e experimenta as relações que o fortalecem, ou o limitam. Cada um tem recursos próprios para distinguir o seu bando, mas, talvez, alcançar o máximo dessa conduta exige que se vá à rua para passear, arriscar-se, tropeçar, ver, apreçar.

O lugar do extravio ignora a linha reta: nele, não se vai, ileso, de um ponto a outro; não se sai, simplesmente, daqui para chegar ali. Cabe, portanto, a cada um inventar suas próprias pisadas, escolher para onde remar seu barco, e aprender a identificar que vento é bom e favorável à sua navegação. E quando há um labirinto no meio do caminho, há de se perder nele. Abrigar-se em suas ruínas. Entregar-se à solidão intrínseca às relações. E andar sob o canto que ali entoa o acaso. Há muitos modos de percorrer um caminho, tantos quantos caminhos há. Acreditar em uma evolução ordenada do caminhar, em um desenvolvimento de caráter central e crescente, é acreditar que existe o caminho, e, como indicou Zaratustra, o caminho não existe; existem, sim, muitos caminhos e meios de transpô-los. Zaratustra, que é a mais alta expressão de um homem-vento, pó, poeira, que faz o seu caminho, e ouve os ventos, apenas ruma seu leme para mares de que não se tem memória, para longe, “bem longe da terra pátria, onde se acha a terra dos nossos filhos”⁷.

A vida não tem *a priori*, nem *a fortiori*. Frequentemente, é ao desorientar-se que um corpo volta a escutar, ver, sentir, pensar, e aprender. Há situações em que só é viável avançar eliminando termos fixados de antemão, ou subvertendo consequências alegadamente lógicas, que subjagam o presente e o futuro, e tentam enredá-los, atá-los, sujeitá-los a algum fato passado. Mas a vida é primeira, ela vibra, escapa por todos os lados, furta-se às lógicas da causalidade, é fortuita. A imanência de *uma* vida incita a construção de planos aptos a dispor, a cada vez, as relações, e os encontros, de maneira que os afectos que variam a potência de agir e a força de existir possam ser cartografados, ponderados, dissolvidos, rearranjados. Nem a vida nem o aprender podem ser anteriormente percebidos, desde que, até então, não sucederam e em tempo algum se repetirão idênticos. Um aprendizado não pode ser inferido a partir daquilo que ele dá, visto que não existe uma relação de correspondência entre o aprender, o mundo, e as coisas do mundo. Corresponder é um exercício de conformidade entre o intelecto e o mundo da extensão, similar à reprodução, e à representação. O aprender, entretanto, tem a ver com a produção de diferença, e a invenção, ele é pura duração. E a duração é criação não apenas de algo novo, mas intempestivo, que vem de um tempo flutuante, contra o tempo pulsado dos relógios, dos cronômetros, das escalas. O aprender dura, retroage, e abre o corpo às capacidades e às relações que o conduzem à enésima potência.

⁶ SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007, p. 167.

⁷ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Círculo do Livro, 1977. p. 220.

Pede uma acefalia, não um povo sábio, e conhecedor das soluções; não busca o término, o porto, faz, sim, da problematização o seu desígnio, e da invenção a sua façanha, a sua aventura.

Um aprendizado é feito de agenciamentos, de linhas de vida, de fuga, de infortúnios, linhas entre linhas, linhas móveis, rítmicas, costumeiras, linhas que se seguem, que se cruzam, linhas de errância, todo tipo de linhas. E há, na conjunção dessas linhas, força suficiente para suspender o já aprendido e o corpo implicado, esgotando um e outro, tensionando tudo, destituindo saberes categóricos, impedindo o domínio do corpo, das faculdades, de uma boa vontade. A aprendizagem conduz as faculdades ao exercício transcendente e requer um currículo capaz de operar por diagramas; capturar as relações de forças e ressaltar, no percurso e no percorrido, linhas, fluxos, composições, sensações, variações, idiossincrasias, modos de pensamento e possibilidades de vida.

Promover bons encontros, e livrar-se dos maus encontros, é viver eticamente, é estar sensível às relações constitutivas do próprio corpo, e à variação do poder de afectar e de ser afectado. Em um agenciamento, o que afecta, e inicia uma operação inventiva e problematizante, é diverso; pode ser um desconhecido, um amigo, um caderno. A cada encontro, a cada agenciamento, tem-se uma experimentação de si. E a cada experimentação de si uma nova rede de afectos e de encontros é iniciada. Alguns encontros elevam, ao máximo, a potência de agir e a força de existir de um corpo, e outros as reduzem. Um bom encontro é aquele que convém, alegra, vigora, e intensifica a força de existir. Um mau encontro é aquele que enfraquece, e entristece. Portanto, os termos bom e mau expressam, unicamente, a variação da capacidade de agir de um corpo. Sejam quais forem as implicações, nada é bom ou mau terminantemente. É inacabável o mapeamento das conjugações, e das velocidades que constituem um agenciamento. E orientar-se na vida implica descontinuidades, paragens, perceptibilidade, intuição, e coragem para juntar-se com os seres e as coisas que avivam aquilo que há de mais potente em cada um; e ainda: destreza em desligar-se daquilo e daqueles que ativam o que cada um tem de mais fraco e vil. Viver demanda aprender a olhar, arranjar bons encontros, saber distinguir as próprias matilhas. E isso não se faz senão perambulando, colocando-se na estrada, indo atrás das próprias tribos, e dos próprios desertos. Efetivamente, pode ocorrer da relação que, outrora, fazia o corpo sorrir, criar e desejar, transformar-se em outra coisa, e, de repente, não configurar mais um bom encontro. É por isso que não é possível seguir a vida sem avaliar, seguidamente, se as ligações firmadas ainda trazem alegria, se a rotina estipulada ainda dá gana de viver. Uma vida que se avalia nela mesma não cessa de colocar em questão o trajeto, as alianças, os rumos tomados. As escolhas são dinâmicas e temporárias, não irrevogáveis.

Em “O pão e o beco” é um agenciamento sonoro que torna perceptível o imperceptível, e audível forças não sonoras, impingindo uma afecção que atinge todas as faculdades. Mas, seja qual for o agenciamento afirmado, o desencadeador é sempre o desejo.

Deleuze diz, em “O abecedário de Gilles Deleuze”, na letra “d” de “desejo”, que “desejar é construir um agenciamento, é construir uma região, é construir uma paisagem, de uma saia, de um raio de sol, de uma taça de sorvete”⁸. Nesse caso:

- I. Que cada um encontre estados de coisas que lhe convenha — está aí o velho surdo;
- II. Que cada um crie seu estilo, seu tipo de enunciado — está aí o gemido, o bocejo do garoto;
- III. Que cada um cace um território — está aí a rua, o beco, e esse caminho tão próximo ao muro;
- IV. Que cada um saiba também sair de seu território, seguindo os movimentos de desterritorialização — está aí o retardamento do movimento, a pausa no meio do caminho, a suspensão do caminhar que propicia o passo não previsto.

Um agenciamento tem quatro dimensões: estados de coisas, enunciações, territórios, movimentos de desterritorialização. E é nesse entremeio que um desejo se propaga. Toda expansão de desejo expõe matérias não formadas, tensores, desafia mundos possíveis e mundos reais, produz bifurcações, e lança os corpos em devires, em uma gradação indiscriminada de intensidades, velocidades e lentidões.

Em “O pão e o beco” há, por exemplo, uma concepção de velocidade e de movimento que inclui a imobilidade, a retenção. Na volta da esquina, e em pé na rua, o menino depara-se com uma pausa em seu caminho e em seus saberes. Um bocado de pausa que disseminou, por todo lado, a pausa como *processus*, em um duplo exercício de ofuscamento e de invenção: afastando lições sabidas de cor, convicções; e incitando o corpo do menino a aprender o inaprendível. Quando o cachorro late, e o menino olha assustado para um lado, e para o outro, ele está averiguando que algo se passa entre ele, a rua, o beco, o cachorro e todo o entorno. Então, ele começa a agir, e a perceber o mundo movido e modificado por esse algo que se passa. E cria os próprios passos, em função da vida que se agita na sua frente, rente aos seus pés. O menino entrega-se ao ritmo do próprio corpo, ao ritmo que o toma ou que ele próprio se impõe. E a pausa permite a ele um aprendizado, um agenciamento, um colocar-se nas horas do mundo que abre o cotidiano à fruição das instabilidades.

⁸ L’ ABÉCÉDAIRE de Gilles Deleuze. Entrevista com Gilles Deleuze. Edição: Brasil, Ministério de Educação, TV Escola, 2001. Paris: Éditions Montparnasse, 1997. 1 videocassete, VHS, cor.

A pausa sulca, no saber do menino, lapsos, uma espécie de desencaixe; e o leva às experimentações novas, distantes da firmeza de um dizer, e da certeza de um saber.

Na vida, e no aprender — pausas são imprescindíveis como pão.

À vista disso, um currículo que estimule a experimentação cartográfica, e que afirme o aprender, não é representacional, não representa um mundo ou uma conjuntura existente, não efetua correlações, produz, sim, pensamentos, e inspira novas maneiras de viver; faz desmoronar o mundo das essências e, com ele, o das aparências, arrasando a noção de original e de cópia, perseguindo não a solução e o saber, mas, sim, o aprender que se desenrola em campos problemáticos, e faz proliferar ilimitadamente as respostas, ao invés de cercá-las e capturá-las por meio de reconhecimentos, representações e resultados. Um currículo dessa natureza questiona os conteúdos já-aprendidos, eleva o aprender à enésima potência, e o conduz à sua notável competência de criar, impedindo-o de se reduzir a opiniões, falatórios ou reproduções. Um currículo que se interesse pelo aprender admite o silêncio, a pausa, as elipses, a demora. “É para trás que conduz o estudo, que converte a existência em escrita”⁹. Bucéfalo, personagem do conto “O novo advogado”¹⁰, não se interessa pelas batalhas empreendidas por Alexandre Magno. Antes de qualquer coisa, deseja as leituras que vêm com o fim do dia, e o levam para longe do lombo do cavaleiro que só quer saber do passo à frente, e está sempre às pressas, em direção às conquistas. Bucéfalo quer o passo para trás, não o passo adiante; quer a quietude de uma leitura, de um estudo.

Quem estuda: cala, lê devagar, lentamente.

Quando se trata de estudar, vez ou outra, é bom que parar também aconteça. O movimento mecânico em demasia acaba por impedir o pensamento, ao invés de promovê-lo, dado que, geralmente, segue-se deslocando-se, falando, escrevendo, apenas repetindo o que já se sabe, sem a brecha e o silêncio requeridos para que um pensamento notável, e um gesto inconcebido, quem sabe, venham a ser criados. Estudar tem muito mais de pausas e alusões do que de diálogos, exposições, e soluções. O estudo solicita retiros, afastamentos e interrupções que ativam a criação, e desafiam os atos, as ideias, a percepção.

A vida e o pensamento se tornam mais alegres na medida em que criar e diferenciar-se é praticável. Porém, a experimentação de um só problema que faça sentido ser pensado, e o empenho em constituir uma solução para ele, é um trabalho longo, que não se dá sem esforço. É preciso trabalhar muito para traçar campos problemáticos, conceber objetivos e intersecções.

⁹ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 163.

¹⁰ KAFKA, Franz. *Um médico rural: pequenas narrativas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 11-12.

Simultaneamente diligente e precioso, assim um esforço se apresenta, mais precioso do que a obra que resulta dele, porque, graças a ele, é possível tirar de si mais do que havia, transpor-se, diferenciar-se, devir. Assim sendo o estudante escreve, lê e estuda em sua escrivaninha, como São Jerônimo. Portas trancadas, uma janela voltada para a noite. Uma mesa, cadeira. E, antes de tudo, páginas borradas onde nada se desenvolve, mas coisas acontecem com retrocessos, barreiras, embaraços, atrasos, solecismos, prorrogações, saltos, atalhos, pausas, e mais pausas. Os pés caminham pelo quarto, vagueiam. Nada de gênese ou picos, tudo conta e tem igual importância, uma coisa qualquer, uma leitura, uma conversa, um filme. Os livros vão-se amontoando, abertos, atravessados, empilhados, manuseados. O estudo persiste, demora-se, estende-se pelo meio de planos involutivos, sem pressa, atento ao tempo do problema, da questão que persiste, interrompe, vaga e divaga noites a fio, incerta, lenta, sem *a priori*, sem currículos prévios, cordatos, fixos, judiciosos. Deste modo um currículo que queira dar conta do tempo de um aprendizado deve comportar toda uma variedade de velocidades, pois uma pesquisa, um estudo, uma escrita se faz a golpes de velocidade ou lentidão. Já não convêm currículos que lidam com o *processus* do aprender como se um aprendizado fosse da ordem da reprodução do Mesmo, e que opera no encaixe do que é suscetível de repetição. O relógio íntimo de modo algum se parece com o relógio fixado na parede, sempre tão regular e previsível. À duração de um corpo, e de um aprendizado, apetece currículos que gozem de um espaço-tempo destinado à pausa e ao inesperado, e que estejam abertos às multiplicidades que atravessam os espaços escolares.

FILMOGRAFIA

O PÃO e o beco. Direção: Abbas Kiarostami. Irã, 1970.

L' ABÉCÉDAIRE de Gilles Deleuze. Entrevista com Gilles Deleuze. Edição: Brasil, Ministério de Educação, "TV Escola", 2001. Paris: Éditions Montparnasse, 1997. 1 videocassete, VHS, cor.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGSON, Henri. *A evolução criadora*. Rio de Janeiro: Delta, 1964.

_____. *A intuição filosófica*. Lisboa: Edições Colibri, 1994.

DELGADO, Manuel. *Sociedades movedizas: pasos hacia una antropología de las calles*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2007.

KAFKA, Franz. *O processo*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. *Um médico rural: pequenas narrativas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

RESUMO

Quais os decursos e os trajetos que impulsionam o aprender, e levam os corpos a ultrapassarem seus limites e comporem novos aprendizados? É possível antecipar as contingências que vão desencadear um aprendizado? No presente artigo as ações do aprender são devolvidas às relações de heterogeneidade entre signos e respostas, uma vez que o aprender se dá no desenrolar de respostas impossíveis de serem antevistas. A aprendizagem conduz as faculdades ao exercício transcendente e requer um currículo capaz de cartografar, capturar as relações de forças e ressaltar, no percurso e no percorrido, linhas, fluxos, composições, modos de pensamento e possibilidades de vida.

Palavras-chave: Currículo. Filosofia da Diferença. Aprender.

ABSTRACT

What are the courses and pathways that lead to the learning, and instigate the bodies to go beyond their limits and compose a new learning? Is it possible to anticipate the contingencies that will trigger an apprenticeship? In this paper the actions related to learning are returned to the ones of heterogeneity between signs and answers, since the learning happens during the construction of answers that are impossible to be envisioned. The learning leads the faculties to the transcendent exercise and requires a curriculum capable of mapping, capture the relationships of power and emphasize, on the road and on what was traveled, lines, flows, compositions, ways of thinking and life possibilities.

Keywords: Curriculum. Philosophy of the Difference. Learn.

Submetido em: fevereiro de 2012

Aceito em: março de 2014